

IV FESTIVAL SUL-AMERICANO DA CULTURA ÁRABE

Coordenador: RENATHO COSTA

Autor: DÉBORA JULIANA RIBEIRO DE FARIA

O Festival Sul-Americano da Cultura Árabe é um evento que ocorre em diversas cidades Brasileiras e em algumas do exterior. Em 2013, devido à peculiaridade da região fronteira entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), as cidades também se tornaram sede do evento. O Festival possuía um caráter iminente cultural, no intuito de expor, como fizera Hourani (2001), as bases da cultura árabe e, de acordo com Aseff (2008) como ela chegou à região da fronteira. Contudo, aspectos políticos deveriam ser tratados, haja vista a cidade abrigar uma população palestina bastante representativa. Assim, no intuito de promover o evento (que contava com exposições, mostra de filmes e curtas-metragens, palestras, etc.) (A Plateia, 18 e 19/03), os organizadores locais criaram um muro na rua lateral à Universidade Federal do Pampa (Unipampa), em Santana do Livramento (Brasil), que interrompia o tráfego de veículos e pedestres. O muro, de 17 metros de comprimento por 5 de altura, se transformou no objeto de discussões durante o período em que se manteve em pé. A proposta era de que o muro fosse mais uma atração do Festival, contudo, logo se tornou um local de peregrinação de curiosos. Ele deveria permanecer montado na rua durante os 14 dias em que ocorreria o Festival, mas, logo no primeiro dia, quando a cidade amanheceu e "aquela obra de arte" interditava uma das vias do centro da cidade, algo mudou e, além de buscarem entender o sentido daquela intervenção, muitos passaram a questionar a legalidade de sua existência. Pressupunha-se, então, que a relação entre a liberdade que há na fronteira entre Brasil e Uruguai serviria de parâmetro para a reflexão sobre o que ocorre em outras localidades do mundo, tais como as fronteiras entre Palestina e Israel, Estados Unidos e México, ou mesmo o muro quase esquecido do Saara Ocidental. Nesse sentido, o próprio muro se encarregaria de desencadear a discussão sobre a proposta do Festival e chamar a atenção para que o público conhecesse a programação do evento. No entanto, a capacidade do muro foi subdimensionada e logo no primeiro dia que a cidade se viu diante dele o transformou em objeto de reflexão acerca de muitas outras limitações que ocorrem no espaço público. Durante três dias, além das "procissões" de pessoas que iam conhecer o muro, as rádios locais enviavam repórteres para explicar para os ouvintes o que era "aquilo" e até quando permaneceria interrompendo o trânsito da cidade. Também, nos programas de debates nas rádios, tanto no horário do almoço quanto

no fim da tarde - cuja audiência é maciça -, frequentemente os organizadores do evento eram chamados para "debater com a população" e convidados sobre a legalidade da existência do muro. O muro, naquele momento, se transformara no elemento comunicador de demandas. Inusitado? Talvez, mas de potencial avassalador! Não obstante aos questionamentos acerca de sua legalidade - precedente, contudo a prefeitura havia concedido alvará para o muro ser construído -, junto à população e estudantes, surgiram vozes até então alheias a tudo que ocorria na cidade e que exigiam o "direito de ir e vir" restaurado. A sociedade civil, por mais heterogênea que seja passou a buscar formas para expressar seus anseios. (Scherer-Warren, 2006) No entanto, somente uma extremidade da rua estava interditada, todos podiam utilizar a outra parte, mas isso não foi suficiente para aqueles "demandantes da liberdade". Assim, durante a noite os estudantes universitários ficavam em frente ao muro gritando palavras de ordem e exigindo a sua abertura para que, ao menos, os pedestres pudessem passar. Mas por que os veículos teriam de ser preteridos em detrimento dos pedestres? Este foi um questionamento que surgiu, mas ninguém conseguiu explicar! A ebulição dos fatos, por vezes, poderia aceitar a "exclusão autoritária" dos veículos, desde que houvesse a "abertura libertadora" para os pedestres. Mas não seria um processo autoritário este que se propunha, no qual apenas alguns poderiam passar? O muro ainda ganhou mais uma função, servir de vitrine para que as pessoas se manifestassem através de pichações ou grafites. E, com isso, os 85 metros quadrados do muro logo se transformaram na maior forma de expressão livre que a cidade vivenciara. Fossem palavras favoráveis ou contrárias à manutenção do muro, o espaço para expressão estava garantido. Contudo, algumas facetas da sociedade acabaram se sobressaindo e merecem questionamentos mais profundos. Primeiramente o fato de que o Poder Público, apesar de ter participado de todo o processo que levou à construção do muro, nos momentos mais críticos em que foi interpelado por um pequeno grupo contrário à manutenção da "instalação artística", preferiu adotar uma postura dúbia, não defendendo a proposta que havia endossado. E, em segundo lugar, esperava-se, inclusive que pudesse haver algum tipo de ação judicial que viesse a exigir a derrubada do muro, no entanto, tudo transcorreria pelas vias da legalidade, porém não foi assim que aconteceu. Mesmo após um acordo com a Prefeitura local de que o muro permaneceria na rua não pelos 14 dias anteriormente idealizados, mas apenas por 7 dias, para que a mostra de curtas-metragens pudesse ocorrer como planejado - haveria a projeção dos curtas-metragens ao ar-livre, no próprio muro, para que a população vivenciasse a "instalação artística" -, no mesmo dia em que foi firmado o acordo, à noite, alguns estudantes universitários incitaram as pessoas que estavam nas proximidades do muro e acabaram fazendo uma

abertura nele. (A Plateia, 21/03/2013) Com a abertura do muro, sua existência deixou de ter significado prático, por isso, foi desmontado. Por outro lado, a reflexão acerca de sua existência transcende o simples fato de ter sido destruído de modo "ilegal". O muro, que durante os três dias foi objeto de capa dos jornais locais, que atraiu a atenção da mídia nacional com a presença da RBS (Rede Globo) e que transformou uma rua de relativa importância na mais importante da cidade, não deixou de ser objeto de discussões e pontuou as conversas no próprio Festival. Muitas palestras retomaram a discussão a partir da vivência que a cidade teve da "supressão de liberdade". (A Plateia, 30/03/2013) Se, por um lado, não é possível afirmar que o "muro santanense" seja a representação fiel da supressão de liberdade que povos como o palestino vivenciam (Said, 2004), por outro, é fato que muitas pessoas que sequer sabiam o que era a "Questão Palestina" hoje podem fazer alguma conexão com o muro que foi construído em Santana do Livramento, e mais, estabelecer alguma analogia com a "fronteira da paz" - livre de obstáculos para transitar de um país para outro - que a região abriga. A revolução, como Hannah Arendt salienta, não é um processo estanque e, muito mais do que gerar modificações, tem de provocar transformações. Deve, com isso, "[construir] uma história inteiramente nova, uma história nunca anteriormente conhecida ou contada [e que] est[eja] prestes a desenrolar-se" (Arendt, 1971, p. 28). O "muro santanense", se não desencadeou uma revolução no sentido arendtiano, sensibilizou a população para tal. E isso somente foi possível porque a opção adotada ao pensar na divulgação do evento foi criar maneiras para fazer o público vivenciar a proposta e se tornar ativo. De objeto, o povo se tornou sujeito e isso faz toda a diferença quando se pensa em um projeto de extensão universitária.